

THE WALL E PEDAGOGIA DO OPRIMIDO: UMA ANÁLISE DAS OBRAS COM O FOCO NO ENSINO CRÍTICO DE LÍNGUA INGLESA

Nathália Borges Evaristo¹
Maria Amália Vargas Façanha²

RESUMO

Esse trabalho tem o objetivo de analisar, por meio de uma revisão bibliográfica, a música *Another Brick in the Wall* (1979), da banda inglesa Pink Floyd, e o livro *Pedagogia do Oprimido*, do autor Paulo Freire (2019). Esse tema foi escolhido tendo em vista que o cenário educacional atual apresenta pontos em comum com o cenário em que ambas as obras foram produzidas, o que nos propusemos a problematizar. Para tal, na compreensão de que o ensino de inglês pode contribuir para a formação da cidadania crítica (MONTE MÓR; MORGAN, 2014), foi nosso objetivo encontrar elementos comuns entre a letra da música e as ideias de Paulo Freire; pontos em que elas dialogam, mostrando a necessidade de construção coletiva de uma educação mais significativa, por meio de construção crítica de sentidos, não apenas de memorização de conteúdos ou de aprendizado de regras gramaticais. Embasados no Letramento crítico (MENEZES DE SOUZA, 2011; JORDÃO, 2016), concluímos que nós, professoras e professores de inglês, ao ampliarmos nossas perspectivas sobre os processos de ensinar e aprender, assumindo uma posição mais crítica quanto ao ensino de nossas disciplinas, podemos contribuir para a promoção de mudanças importantes, tanto na formação inicial quanto continuada, ampliando nossa compreensão do que seja ser professor e do papel que a língua inglesa pode desempenhar na formação crítica de todos os envolvidos no processo de ensino e aprendizagem.

Palavras-chave: Ensino de Inglês; Letramento Crítico; Formação de professores.

¹ Graduanda do 8º período de Letras português e inglês. E-mail: <nathaliaevarist@gmail.com>.

² Professora doutora do departamento de Letras estrangeiras da Universidade Federal de Sergipe. E-mail: <amaliafvargas@gmail.com>.

1. INTRODUÇÃO

A ordem “*Hey, teachers, leave those kids alone!*”³ ouvida na música *Another Brick in the Wall p. II*, da banda inglesa *Pink Floyd*, pode demonstrar, a princípio, agressividade por parte dos alunos contra professores. No entanto, ao pensarmos na figura do professor como detentor do conhecimento, cuja única função é transmitir conteúdos; e no professor como uma figura controladora, é possível interpretar essa fala como um pedido de socorro; uma vontade de ser livre para também existir na sala de aula como alguém que capaz de aprender e de ensinar. Na perspectiva de uma educação crítica, o objetivo desse pedido pode ser o de chamar a atenção para a necessidade da construção de um ensino que valorize a autonomia dos alunos, respeitando suas ideias; seus pontos de vista.

Essa relação vertical e hierárquica de educador-educando que foi construída ao longo do tempo é o que FREIRE (2019) denomina de educação “bancária”, na qual os alunos exercem papel de depositários; e os professores, de depositantes. O autor destaca, ainda, que quanto mais se exercitam os depósitos, tanto menos a consciência crítica é desenvolvida. Em nosso entendimento, essa concepção de educação bancária é ainda muito presente quando pensamos na escola brasileira, mas é preciso desconstruir essa compreensão.

Em relação ao ensino de língua inglesa, por exemplo, na compreensão de JANKS (2016), as línguas e as formas como são usadas estão no centro do que significa fazer letramento crítico. A autora destaca ser muito importante refletirmos sobre diversos aspectos para a promoção de um ensino crítico da língua. Primeiramente, temos que entender que a língua está em todo lugar; e, secundamente, que ela não é neutra, ou seja, ela retrata as relações de poder que estão presentes na sociedade. Um exemplo prático e que muitas vezes não é tratado com o olhar crítico, é o uso do pronome de tratamento *Mrs.* indicando que a mulher é casada, e *Miss* caso seja solteira; enquanto que, para nos referirmos a um homem, utilizamos, apenas, um pronome de tratamento - *Mr.* - que independe do estado civil.

Temos que questionar o porquê de ser assim. Quem se beneficia com essas relações de poder? E, a partir desses questionamentos, levarmos em consideração

³ Tradução: Ei, professores, deixem as crianças em paz! (tradução nossa)

todos os aspectos da língua para que possamos promover uma educação construtiva e libertadora para nossos alunos. Com base nesse contexto, esse trabalho visa, por meio de uma revisão bibliográfica, e embasado na teoria dos letramentos, analisar as duas obras: a canção *Another Brick in the Wall* e a obra *Pedagogia do Oprimido* (FREIRE, 2019), destacando pontos em que elas dialogam.

2 O MURO

O muro da música da banda inglesa pode ter sido “construído” tendo como pano de fundo diversos acontecimentos, como pode-se perceber na seguinte passagem: *“All in all **it’s** just another brick in the wall”*. Aqui, Roger Waters, o compositor, pode estar comparando os elementos do cotidiano escolar, como por exemplo, o sarcasmo ou o tipo de educação que cala os alunos e que controla seus pensamentos, os tijolos no muro, que é construído com essa base negativa; afinal, ‘Tudo não passa de mais um tijolo no muro’. E, com todos esses elementos, os alunos serão controlados e se tornarão, também, apenas mais um tijolo, como destacamos aqui no uso do pronome ‘you’ (vocês – alunos): *“All in all **you’re** just another brick in the wall”*.

Nós, professores em formação inicial e continuada, temos que nos preocupar com essa relação hierárquica que foi moldada ao longo dos anos, para que sejam evitadas posturas que despertem no aluno o desejo de também se tornar um opressor. Freire (2019) afirmou: “Há, por outro lado, em certo momento da experiência existencial dos oprimidos, uma irresistível atração pelo opressor.[...] Na sua alienação querem, a todo custo, parecer com o opressor.” Essa condição de alienação pode ser problematizada quando pensamos no potencial crítico de nossas aulas de inglês.

As instituições educacionais seguem um mesmo padrão de ensino, ensinam conteúdos programados e semelhantes; e isso implica dizer que essa compreensão de educação pode entender que todos os alunos apresentam a mesma necessidade. No entanto, é de conhecimento geral que não há somente um tipo de inteligência; então, é importante que isso seja levado em consideração porque ainda hoje há posturas que compreendem a educação como o foco em uma inteligência lógica e linguística, já que é isso que é cobrado em provas e exames, para os quais os alunos são treinados como robôs para passar.

No filme *Sociedade dos Poetas Mortos* (1989), um excelente exemplo de obra de ficção, o professor de literatura John Keating tenta pôr em prática nas suas aulas, novas formas de ensino, para que os alunos consigam participar de forma mais ativa e espontânea na construção dos conhecimentos. No início, os alunos estranharam um pouco e mostraram resistência em aceitá-lo, mas logo eles começaram a se engajar nas aulas e a perceber que conhecimento pode acontecer de diversas formas. No entanto, o maior desafio encontrado pelo professor foi a própria escola, que era bastante tradicional e não concordava com as formas de ensino que o professor utilizava, alegando que os alunos estavam se tornando rebeldes.

A relação da escola com o professor que busca sair de métodos tradicionais reflete a relação da vida real, em especial, quando se fala de escolas particulares, pois há uma cobrança maior dos pais, da direção da escola, etc. Normalmente, tem-se a ideia de que o único local de aprendizagem é a sala de aula, e de que é o professor que detém o conhecimento.

3 A ESCOLA COMO MEIO DE TRANSFORMAÇÃO

Quando se fala em ensino de inglês, logo vem à cabeça escola de idiomas, pois para muitas pessoas é impossível aprender inglês em uma escola regular, principalmente na da rede pública. Isso acontece porque há ainda falta de clareza quanto aos objetivos de cada segmento escolar. A escola regular não deve apenas focar só nos conteúdos; e, sim, em todo o processo de formação do aluno, por exemplo. Segundo de JESUS e LIMA (2016); e as OCEM (Orientações Curriculares para o Ensino Médio) (2006), os objetivos de um curso e de uma escola são diferentes.

Visando reforçar a necessidade da prática da educação crítica, é importante lançarmos nossos olhares para a interpretação dos documentos oficiais, que dão suporte para tais princípios, como é o caso das OCEM. Um dos objetivos do documento, voltado para o ensino de língua estrangeira é:

[...] retomar a reflexão sobre a função do ensino de Línguas Estrangeiras no ensino médio e ressaltar a importância dessas; reafirmar a relevância da noção de cidadania e discutir prática dessa noção no ensino de Línguas Estrangeiras; [...]; introduzir as teorias sobre linguagens e as novas tecnologias (letramentos, multiletramentos, multimodalidade, hipertexto) e dar sugestões de ensino de Língua Estrangeira por meio dessas. (OCEM, 2006, p. 87)

É possível observar que o documento defende ser importante reconhecer a relevância da discussão sobre a função crítica do ensino em sala de aula; e que os letramentos e os multiletramentos podem contribuir para fortalecer a construção de uma cidadania engajada. Com isso, no documento, procura-se defender que “[...] o valor educacional de uma aprendizagem vai muito além de meramente capacitar o aprendiz a usar uma determinada língua para fins comunicativos” (p.92), com o que estamos de acordo.

Além das OCEM, A Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que é um documento oficial instituído em 2017 e que tem por papel assegurar os direitos de aprendizagem dos alunos, encontra-se também menção a esse caráter formativo que inscreve a aprendizagem de inglês em uma perspectiva de educação linguística, consciente e crítica, na qual as dimensões pedagógicas e políticas estão intrinsecamente ligadas.

Podemos interpretar que, na obra da banda inglesa Pink Floyd, os alunos são retratados de uma mesma forma e que seus respectivos *backgrounds* são desconsiderados, o que caracteriza a educação na sua forma institucionalizada, o que precisa ser problematizado, como o fazem COPE E KALANTZIS (2000):

The problem for institutionalised education, and the problem for the teaching and learning of literacy, is that students bring with them different life experiences. What they know, who they feel themselves to be, and how they orient themselves to education varies because their lifeworlds vary; because life as they have subjectively experienced it varies so markedly. As a consequence, people experience education differently, and their outcomes are different. (COPE; KALANTZIS, 2000, p.117)⁴

Como declaram os autores, os alunos têm seus diferentes contextos e experiências, e o verso da música em análise: “*We don’t need no education*” mostra que, não se trata de os alunos não quererem educação; mas que eles não querem aquela educação específica, que se encaixa no que FREIRE (2019) denomina como bancária. Fica claro que os alunos na música querem algo mais, algo que vá além dos “muros” construídos. Esse clamor representa a necessidade de uma educação construtiva e significativa.

⁴ Tradução: O problema da educação institucionalizada, e o problema do ensino e aprendizagem do letramento é que os alunos trazem com eles diferentes experiências de vida. O que eles sabem, quem eles sentem que são e como eles se orientam para a educação varia porque seus mundos variam; porque a vida, como eles experimentaram subjetivamente varia muito. Como consequência, as pessoas vivenciam a educação de maneira diferente e seus resultados são diferentes. (tradução nossa).

Ainda sobre a música, nos versos em que o professor grita repetitivamente “*Wrong! Do it again*”⁵ é perceptível essa relação de poder e opressão que o professor exerce sobre a figura do aluno, na qual o aluno é repreendido duramente pelo seu erro e precisa, através da repetição, chegar ao que é correto. Entendemos ser muito importante que não se perpetuem essas relações opressoras em que aos alunos cabe apenas obedecer. Relação retratada que na letra da canção em análise e sobre a qual trata a obra de Freire. Segundo Tognetta e Vinha:

[...] muitos professores e pais brigam com suas crianças obrigando-as a cumprir regras absurdas, sem ao menos parar para refletir se elas são de fato necessárias para ordenar as relações ou para o processo de aprendizagem, se são justas e respeitadas. Ao serem questionados, esses educadores, frequentemente, numa atitude heterônoma, dizem: “mas é regra da escola” [...]. Assim, atuam na manutenção de relações de respeito unilateral e reforçam a heteronomia. É a escola da obediência, da submissão. (TOGNETTA; VINHA, 2007, p. 22).

Tem sido uma prática comum o interesse de quem está no poder continuar no poder e, por meio da ignorância das pessoas permanecerem lá. Para Freire (2019, p. 83): “Na medida em que esta visão “bancária” anula o poder criador dos educandos ou o minimiza, estimulando sua ingenuidade e não sua criticidade satisfaz aos interesses dos opressores [...]”.

Com essas ideias em mente, entendemos que a tarefa do professor vai além de ensinar conteúdos. Para MENEZES DE SOUZA (2011), inclusive, o nosso papel como professores não é mais transmitir conhecimentos, mas sim ensinar novas maneiras de buscar o conhecimento, na perspectiva de conseguirmos contribuir para a formação de um cidadão crítico. Quando na música *Another brick in the wall pt. II* da banda Pink Floyd (1979) as crianças gritam “All in all, you’re just another brick in the wall”, elas representam as vozes dos estudantes que são submetidos aos sistemas educacionais opressores que querem que nós, indivíduos, sejamos apenas mais um ser acrítico e conformado. Entretanto, acompanhando o pensamento de Menezes de Souza, podemos pensar a escola como um lugar de transformação; um espaço de trocas significativas, de problematizações que nos levem a refletir aberta e criticamente sobre nossos vários papéis como educadores e educandos; como cidadãs e cidadãos críticos.

De acordo com o dicionário online Dicio, um cidadão é: “Indivíduo que, por ser membro de um Estado, tem seus direitos civis e políticos garantidos, tendo de

⁵ Tradução: Errado! Faça novamente. (tradução nossa)

respeitar os deveres que lhe são conferidos⁶”. Mas, quais são esses direitos e deveres? De acordo com o artigo 6º da Constituição Federal:

Art. 6º São direitos sociais a educação, a saúde, a alimentação, o trabalho, a moradia, o transporte, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância, a assistência aos desamparados, na forma desta Constituição. (Redação dada pela Emenda Constitucional nº 90, de 2015).

Esses direitos não são cumpridos em grande maioria; e muitas pessoas parecem estar conformadas com essa grande desigualdade que existe; ou não sabem, ao certo, como lutar contra. Nesse sentido, entendemos que a escola tem um papel fundamental na construção de uma consciência de que o cidadão deve participar ativamente da vida política do país. Para isso, é necessário conseguir pensar criticamente, e não achar que todo seu dever como cidadão se restringe a um voto dado de quatro em quatro anos; ou de dois em dois anos.

Como é ressaltado na fala de Monte Mór e Morgan (2014), no Brasil, é comum se pensar que apenas o ato de nascer no país já configura o indivíduo como cidadão, mas entendemos que a realidade não é bem ou somente essa. Concordamos com os autores quando apontam essa situação e chamam a atenção para a necessidade de se compreender que a cidadania envolve outros aspectos:

No Brasil, é senso comum a noção de que ter nacionalidade brasileira dá direito à cidadania. De acordo com esse raciocínio, ser cidadão implicaria morar em uma cidade e participar de seus negócios e decisões políticas, como no antigo significado grego do termo. Essa visão poderia refletir algumas das noções atuais debatidas em torno do tema, caso os registros históricos não mostrassem mudanças sociais e políticas neste tipo de participação (CARVALHO 2002). (MONTE MÓR; MORGAN, 2014, p.21) (tradução nossa)⁷.

Refletindo a respeito do que foi até aqui posto, defendemos que cabe a nós, docentes de inglês em formação inicial e continuada, motivar nossos alunos a trilharem caminhos que apontem para o exercício da cidadania engajada, sem censura às suas manifestações críticas, mas com respeito. Isso pode acontecer

⁶ <<https://www.dicio.com.br/cidadao/>>

⁷ In Brazil, it has been a common sense assumption that having Brazilian nationality entitles one to citizenship. According to this reasoning, being a citizen would imply living in a city and participating in its trades and political decisions, as in the old Greek meaning of the term. This view could actually reflect some of the current notions debated around the theme, had historical records not shown social and political changes in this type of participation (CARVALHO 2002). (MONTE MÓR; MORGAN, 2014, p.21).

quando há a clareza a respeito dos papéis que o ensino de inglês pode desempenhar na formação da cidadania, o que ultrapassa o ensino somente de elementos linguísticos.

4 EDUCAÇÃO CRÍTICA E LIBERTADORA

Em sua obra, FREIRE (1972) defende uma educação libertadora “[...] porque, implicando no enraizamento que os homens fazem na opção que fizeram, os engaja cada vez mais no esforço de transformação da realidade concreta, objetiva” (p.34). Com essa provocação em mente, entendemos que uma das formas de fazer o aprendizado efetivo e significativo pode ser atingida por meio de problematizações embasadas no letramento crítico (LC), conforme discutido por diversos autores, como JORDÃO (2016). A autora destaca que para o LC, o professor deve considerar todos os discentes como inteligentes, e não tentar resgatá-los das trevas da ignorância, como muitas vezes é feito em certas práticas docentes. Para Jordão (2016), o LC tem a função de posicioná-los reflexivamente diante de construções de sentido, uma vez que, de acordo com essa teoria:

[...] ser crítico significa buscar constantemente entender suas e construir outras formas de ver, de fazer, de ser e de estar no mundo; significa viver em movimento e perceber-se como agente na construção dos sentidos (JORDÃO, 2016, p.46).

Reforçando essa reflexão, MENEZES DE SOUZA (2011) diz que letramento crítico consiste em não apenas ler, mas ler se lendo, o que significa que, para ele, a pessoa que está lendo tem que estar consciente o tempo todo sobre como ela está lendo, como está construindo os significados. Com isso, o autor nos convida à seguinte reflexão: a leitura não é apenas decodificar o que está escrito e, pronto. As pessoas precisam se perguntar o porquê de ter tido esta ou aquela compreensão sobre os mais variados fatos do cotidiano. Corroborando com esse pensamento, MONTE MOR (2013, p. 38) afirma que uma das concepções do ser crítico é: “[...] é ser “capaz de atravessar os limites do texto em si para o universo concreto dos outros textos das outras linguagens, capaz de criar quadros mais complexos de referência.””

A fala da autora dialoga com as ideias de JANKS (2016), que confirma que o ser crítico: “Começará a notar coisas que costumava ignorar. Abrirá espaço

para entender que poder, acesso, identidade e diferença, juntos, são questões interconectadas pela linguagem.” (JANKS, 2016, p.22). Ou seja, diferente do que ainda possa ser a compreensão de alguns, o professor vai guiar e despertar esse desejo do querer aprender, da curiosidade através das suas aulas, tornando o aprendizado algo natural e o aprendiz um ser com pensamentos independentes, e não vai colocar suas ideias na cabeça do aluno tornando-o um ser com pensamentos iguais aos dele.

Podemos perceber que, no seguinte trecho, GOMES (2019) enfatiza a necessidade de uma educação que não seja baseada na memorização de assuntos, uma vez que:

De acordo com Spencer (1903), o método vigente até então deveria ser abolido por privilegiar a simples memorização de regras e palavras e não levar em consideração o crescimento da criança, com seus interesses e estágios de desenvolvimento. [...]. A educação deveria, nesse cenário, ser espontânea e privilegiar a curiosidade das crianças (GOMES, 2019, p.320).

Mas a pergunta que fazemos é: como podemos tornar nossas aulas mais significativas para os nossos alunos? Bem, não há uma fórmula perfeita e exata para isso, mas podemos começar pensando em abrir espaços para os alunos serem mais independentes e conscientes de seu papel no processo de ensino e aprendizagem, aprendendo a relacionar conteúdos com seus contextos, entre outras coisas. Também, muitos estudiosos têm estudado a respeito de como tornar a aula um espaço de construção de conhecimento, e, uma das formas estudadas recentemente foi colocada em um protocolo denominado protocolo SIOP (*Sheltered Instruction Observation Protocol/SIOP*, 2002). Nesse protocolo, tem explicado como melhorar as estratégias de ensino de língua inglesa nas aulas. Entretanto, é bom lembrar que nenhuma dica deve ser seguida como uma receita de bolo, e sim que o docente use a sua liberdade e desenvolva análises sobre o que, de fato, poderá servir aos seus alunos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo analisei duas obras que foram produzidas em épocas similares, sendo possível perceber que podemos estabelecer um diálogo entre elas. O que conseguimos encontrar nas duas obras foi no sentido de que a educação libertadora é o melhor caminho para que consigamos nos tornar uma sociedade mais justa e

crítica, com pessoas que tenham conhecimento dos seus direitos e deveres. Para que isso aconteça, precisamos assegurar uma formação cidadã e crítica aos nossos alunos. As obras, mesmo tendo sido concebidas há mais de três décadas, nos fizeram e ainda fazem refletir bastante acerca de como é tratada a educação. Podemos afirmar que, em muitas situações, o panorama ainda permanece o mesmo, com práticas que não contribuem para o desenvolvimento da autonomia e da crítica.

As reflexões aqui feitas reforçam nossa compreensão de que é muito importante que olhemos para o nosso aluno e procuremos entendê-lo como um ser humano que tem experiências e conhecimentos; o contrário da compreensão de ser o aprendiz uma tábula rasa, e de que todos os conhecimentos que irá construir/adquirir serão transmitidos unicamente por meio dos docentes.

Além disso, o estudo nos ajudou a entender a importância de a educação contribuir para a ampliação da visão dos alunos. Primeiramente, do cenário de sala de aula como lugar que serve para memorizar assuntos, e mostrar que é possível haver uma aprendizagem significativa, de forma mais espontânea, na tentativa de ser diferente da situação retratada na música analisada: *“Wrong! Do it again.”*. E, secundamente, diferente da visão do professor como figura carrasca e detentora de poder, o qual fará os alunos decorarem conteúdos, pressionando-os, sem que ninguém precise nos dizer: *“Hey! Teachers leave those kids alone”*.

Talvez essa transformação no sistema educacional esteja um pouco longe de acontecer, já que ainda lidamos com um sistema engessado, mas devemos fazer a nossa parte para que transformações aconteçam, como estamos fazendo aqui, tendo a liberdade de pesquisar este tema. Isso, na compreensão de que é incentivar nossos alunos a serem independentes, curiosos, conscientes de seus papéis na sociedade, para que não sejam “apenas mais um tijolo” no muro de uma escola excludente, como passa a mensagem da música. Esperamos que esta pesquisa possa contribuir para o desenvolvimento de outros estudos, ampliando as discussões sobre o ensino de inglês como instrumento de construção da cidadania crítica.

REFERÊNCIAS

- BNCC. Base Nacional Comum Curricular, 2017. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/a-base>>. Acesso em 10 de dez. de 2019.
- BRASIL. Constituição (1988). *Constituição da República Federativa do Brasil*. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretária de Educação Básica. *Orientações curriculares para o ensino médio; volume 1- Linguagens, códigos e suas tecnologias*. Brasília: MEC, SEB, 2006. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/book_volume_01_internet.pdf>. Acesso em: 7 de dez. 2019.
- COPE, B. KALANTZIS, M. Changing the role of the schools. In:_____. *Multiliteracies Literacy learning and the design of social future*. Nova Iorque: Routledge, 2000.
- ECHEVERRIA; VOGT; SHORT. *CAL Sheltered Instruction Observation Protocol*, 2002. Disponível em: <<http://www.cal.org/siop/>>. Acesso em: 9 de jan. de 2020.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*, 71ª ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e terra, 2019.
- GOMES, Rodrigo. O lugar do método direto na história do ensino de inglês. In: FILHO, J.C.P.A.; OLIVEIRA, L.E.; FONSECA, A.L.S.B. (Orgs). *História, políticas, ética e epistemologia de área na formação docente*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2019.
- JANKS, Hilary. Panorama sobre letramento crítico. In: JESUS, D. M.; CARBONIERI, D. (Orgs.). *Práticas de multiletramentos e letramento crítico: outros sentidos para a sala de aula de línguas*. Campinas, SP: Pontes editores, 2016. p. 21-39.
- JESUS, D. M.; LIMA, T. B. Para além do discurso do fracasso: os sentidos da aprendizagem de alunos de Língua Inglesa de uma escola pública. In: JESUS, D. M. de.; CARBONIERI, D. (Orgs). *Práticas de multiletramentos e letramento crítico: outros sentidos para a sala de aula de línguas*. Coleção Novas Perspectivas em Linguística Aplicada, Vol. 47. Campinas, SP: Pontes Editores, 2016. p. 81-98.
- JORDÃO, Clarissa. No tabuleiro da professora tem... letramento crítico? In: JESUS, D. M. de.; CARBONIERI, D. (Orgs). *Práticas de multiletramentos e letramento crítico: outros sentidos para a sala de aula de línguas*. Coleção Novas Perspectivas em Linguística Aplicada, Vol. 47. Campinas, SP: Pontes Editores, 2016. p. 41-53.
- MENEZES DE SOUZA, Lynn Mário. O professor de inglês e os letramentos no século XXI: métodos ou ética?. In: JORDÃO, C.; MARTINEZ, J.; HALU, R. (Orgs.). *Formação "Desformatada" Práticas com professores de língua inglesa*. São Paulo: Pontes Editores, 2011.
- MONTE MÓR, W.; MORGAN, B. Between conformity and critique. Developing "activism" and active citizenship: dangerous pedagogies? *Interfaces Brasil/Canada*. Canoas, v. 14, n. 2, p. 16-35, 2014.

MONTE MÓR, Walkyria. Crítica e letramento crítico: reflexões preliminares. In: ROCHA, C. H.; MACIEL, R. F. (Orgs.). *Língua estrangeira e formação cidadã: por entre discursos e práticas*. São Paulo: Pontes editores, 2013. p. 31-59.

PINK FLOYD. Another brick in the wall pt. II. _____: Harvest Records, 1979.

SIGNIFICADO DE CIDADÃO. *Dicio*. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/cidadao/>>. Acesso em: 18 de dez. de 2019.

SOCIEDADE dos Poetas Mortos. Direção de Peter Weir. Delaware: Touchstone Pictures, 1989. 1 DVD (128 min.).

TOGNETTA. L.; VINHA. T. *Quando a escola é democrática*: um olhar sobre a prática das regras e assembléias na escola. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2007.